

**FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM E USO LINGUÍSTICO:
DIÁLOGOS EM PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

**LANGUAGE FUNCTIONING AND LANGUAGE USE:
DIALOGUES IN A SYSTEMIC-FUNCTIONAL PERSPECTIVE**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n1pI-IX

Magda Bahia Schlee¹

Vilma Nunes da Silva Fonseca²

Vania Lúcia Rodrigues Dutra³

O presente número da Revista Entreletras traz uma contribuição relevante para os estudos que têm como fio condutor o funcionalismo linguístico. Uma área de investigação relativamente recente, que surge no início de século XX, com a Escola de Praga, e que chega ao Brasil na década de 80, a Linguística Funcional, surgida no interior do estruturalismo e opondo-se a ele, tem como objetivo, essencialmente, estudar as relações existentes entre a estrutura gramatical da língua e os diversos contextos de uso em que tais estruturas ocorrem. Assim, em uma abordagem funcional, a análise vai além dos limites da estrutura gramatical, considerando o propósito da interação e o contexto discursivo em que ela ocorre. Conforme Butler (2003, p. 2), “o ponto de partida para os funcionalistas é a visão de que a língua é, em

¹ Doutora em Letras-Língua Portuguesa pela UERJ. Mestre em Letras Vernáculas pela UFRJ. Professora Associada de Língua Portuguesa e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Língua da UERJ. Membro do Grupo de Pesquisa SAL (Sistêmica, Ambientes e Linguagens – CNPq), coordenadora adjunta do GESD – Grupo de Estudos em Sistêmica e Discurso (UERJ) e coordenadora do Projeto LabGraDis – Laboratório de Gramática e Discurso (Edital FAPERJ nº 38/2021). E-mail: magdabahiaschlee@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3654-5849>

² Doutora em Letras (UFT), docente da Licenciatura em Letras, do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLit), na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) / Centro de Ciências Integradas – Araguaína – Tocantins. Membro do Grupo de Pesquisa Sistêmica, Ambientes e Linguagens (UFMS/ CNPq) e do Grupo de Estudos em Sistêmica e Discurso (UERJ/ CNPq). Coordenadora do Núcleo de Língua Portuguesa do Programa de Residência Pedagógica (UFT/CAPES). E-mail: vilmanunes@uft.edu.br / Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3813-1797>

³ Doutora em Letras-Língua Portuguesa pela UERJ. Mestre em Letras-Língua Portuguesa pela UFF. Professora Titular (aposentada) do Colégio Universitário da UFF – Coluni-UFF. Professora Associada de Língua Portuguesa e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Língua da UERJ. Membro do Grupo de Pesquisa Sistêmica, Ambientes e Linguagens – SAL (CNPq), coordenadora adjunta do GESD – Grupo de Estudos em Sistêmica e Discurso (UERJ) e coordenadora do Projeto LabGraDis – Laboratório de Gramática e Discurso (Edital FAPERJ nº 38/2021). E-mail: vaniardutra@hotmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7028-7690>

primeiro lugar e acima de tudo, um instrumento para a comunicação entre os seres humanos, e de que esse fato é central para a explanação de por que as línguas são como elas são.”

O funcionalismo não se configura como uma abordagem homogênea, mas reúne algumas vertentes que concordam com o postulado de que a língua cumpre determinadas funções, cognitivas e sociais, e que são essas funções, realizadas nos diferentes usos, que moldam suas estruturas e mesmo os sistemas que a organizam. Concordam, também, com o pressuposto de que a motivação para os fatos da língua deve ser buscada no contexto em que eles se dão, ou seja, de que a forma é entendida na relação com sua função. De acordo com Neves (2018),

A forma dos enunciados não é entendida independentemente de suas funções: a teoria da gramática deve integrar o estudo da forma, do significado e do uso, de tal modo que não apenas os traços linguísticos formais, mas também os semânticos e os pragmáticos, sejam abrigados numa perspectiva teórica mais geral, com inter-relacionamento entre análise dos dados e formação da teoria. (NEVES, 2018, p. 29)

Ainda sobre o que é consensual entre as correntes funcionalistas, Neves (2018, p. 44) afirma que, para o paradigma funcionalista, “(...) a capacidade linguística do falante compreende não apenas a habilidade de construir e interpretar expressões linguísticas, mas também a habilidade de usar essas expressões de modo apropriado e efetivo, de acordo com as convenções da interação verbal que prevalecem numa comunidade linguística.”

Como uma das principais vertentes do funcionalismo, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é a teoria que embasa os artigos que compõem esta coletânea. Desenvolvida a partir dos anos sessenta pelo linguista britânico Michael A. K. Halliday, a LSF concebe a linguagem, e a língua, portanto, como um instrumento de interação social. A língua, para Halliday, é um sistema sociosemiótico à disposição dos usuários para a construção de significados a partir das escolhas que nele se fazem. Para Neves (1997, p. 49), “a gramática sistêmica [desenvolvida por Halliday], assim, não tem que ver com a competência abstrata de um falante ou ouvinte ideal (...); ela diz respeito, sim, às escolhas reais no uso de língua, feitas por falantes reais em contextos sociais reais”. Para o linguista britânico, o sistema linguístico é, então, considerado um potencial de significação que se concretiza em unidades semânticas. Essas unidades semânticas, postas em situações concretas de uso, constituem textos, construídos por meio dos quais a comunicação, de fato, se dá. A LSF estuda a língua relacionada a seu funcionamento, considerando o componente sociocultural como chave para sua compreensão. Nas palavras de Gouveia (2009, p. 14), a LSF corresponde, desse modo, “a uma teoria geral do

funcionamento da linguagem humana, concebida a partir de uma abordagem descritiva baseada no uso linguístico".

A LSF é, assim, não apenas uma teoria de descrição gramatical, cujos princípios constituem a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), mas também um modelo de análise textual, uma vez que fornece descrições plausíveis sobre os modos e as razões pelas quais uma língua varia em função dos falantes que a utilizam e dos contextos de uso em que é empregada. Segundo Neves (2018),

(...) o modelo de Halliday se fixa particularmente na noção de “função” como o papel da linguagem na vida dos indivíduos, a serviço das demandas diversas, e que esse modelo assenta a sua gramática (“Gramática sistêmico-funcional”) em uma base sistêmica (e paradigmática), que faz o enunciado não partir de uma estrutura profunda abstrata, mas nascer das escolhas que o falante faz quando o compõe para um propósito específico, com elas produzindo significado. (NEVES, 2018, p. 140; aspas no original)

A perspectiva sistêmico-funcional reflete a concepção de língua proposta por Halliday, para quem a natureza da língua “relaciona-se diretamente às demandas que lhe fazemos, às funções a que ela se presta” (HALLIDAY, 1976, p. 135).

Com base nesse pressuposto, Halliday (1994) desenvolve a ideia de que a língua se organiza em torno de redes relativamente independentes de escolhas e que tais redes correspondem às três funções fundamentais da linguagem, quais sejam, a **função simbólica**, responsável pela construção da nossa experiência do mundo exterior e da nossa consciência; a **função de interação**, pela qual são estabelecidas e mantidas as relações sociais e consequentes papéis sociais dos interlocutores, e, por fim, a **função textual**, que diz respeito à capacidade da língua de se apresentar sob a forma de um discurso pertinente e não como meros conjuntos de palavras e orações. Tais funções recebem, respectivamente, os nomes de *ideacional*, *interpessoal* e *textual* e, na perspectiva sistêmico-funcional, materializam-se linguisticamente por meio de sistemas gramaticais próprios no estrato léxico-gramatical. Para a função ideacional, o sistema relevante é o *sistema de transitividade*, que constrói a experiência em termos de configuração de processos, participantes e circunstâncias. Na perspectiva da função interpessoal, é o *sistema do MODO* que ganha destaque, considerando os seguintes elementos que constituem a oração: Sujeito, Finito, Complemento, Predicador e Adjunto. Na função textual, o *sistema temático*, que consiste em um Tema acompanhado de um Rema, é o sistema de realização léxico-gramatical.

Em decorrência do princípio fundamental de que a forma particular assumida pelo sistema gramatical de uma língua está intimamente relacionada com as necessidades sociais e pessoais que a língua é chamada a servir (HALLIDAY, 1976, p. 135), na perspectiva sistêmico-funcional, a investigação linguística ultrapassa a análise da estrutura gramatical, uma vez que busca no contexto a motivação para a seleção das unidades léxico-gramaticais que compõem os diferentes textos. Nesse sentido, as dimensões contextuais assumem papel de destaque na teoria, pois todo texto reflete, de forma inequívoca, influências do contexto em que é produzido, tanto do contexto mais imediato em que o texto é produzido e que abarca as variáveis campo, relações e modo – contexto de situação –, quanto do contexto mais amplo, que abarca práticas associadas a diferentes culturas, grupos étnicos, práticas institucionalizadas – o contexto de cultura.

Do exposto, infere-se, à luz dos pressupostos sistêmico-funcionais, a evidente interação e complementaridade entre os estratos que compõem os planos linguístico e contextual da língua, o que possibilita o desenvolvimento e o emprego de diversos métodos de investigação e descrição dos padrões de funcionamento da língua, abrangendo estudos relacionados à léxico-gramática, à semântica do discurso, aos registros e aos gêneros.

Todo esse potencial da LSF, como ferramenta para os estudos linguístico-discursivos, está refletido nos artigos científicos que compõem a primeira parte do **Dossiê “Linguística Sistêmico-Funcional: diálogo entre teoria e prática”**: O QUE É ENCAIXAMENTO EM LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL, de Sara Regina Scotta Cabral; SIGNIFICADOS EXPERIENCIAIS E INTERPESSOAIS EM UMA CARTILHA DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO, de Lorilei de Moraes Gugelmim e Cristiane Fuzer; A TRANSITIVIDADE NA REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE MÉDICOS QUE ATUARAM NA PANDEMIA DA COVID-19, de Elaine Espindola, Kelly Aparecida Almeida Gouveia, José Eric da Paixão Marinho e Tammara Oliveira; PARA ALÉM DA SUBORDINAÇÃO: A REALIZAÇÃO LÉXICO-GRAMATICAL DE RELAÇÕES CONJUNTIVAS CAUSAIS NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, de Luiz Eduardo Cardoso Caldas e Vania Lúcia Rodrigues Dutra; REPRESENTAÇÕES LINGUÍSTICAS DE MULHERES TRANS SOBRE A TRANSEXUALIDADE NO CONTEXTO CEARENSE, de Antônio Soares da Silva Júnior; SIGNIFICADOS TEXTUAIS EM NOTÍCIA E EDITORIAL SOBRE O INCÊNDIO NO NINHO DO URUBU: UMA ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL, de Bruna Maria Vasconcelos Trindade Bispo e Magda Bahia Schlee; LÍNGUA INGLESA EM UM SYLLABUS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O EMI E NO

DISCURSO DOCENTE: UMA COMPARAÇÃO SOB O VIÉS DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL, de Gabriel Salinet Rodrigues e Juliana Michelin Ribeiro; A MONOPOLIZAÇÃO EM UMA CONVERSA INFORMAL: UMA DESCRIÇÃO DOS MOVIMENTOS DE CONTINUAÇÃO A PARTIR DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL, de Camila Stephane Cardoso Sousa, Iasmin Martins Andrade e Thainá Galvão de Almeida; ORAÇÕES COMPLEXAS, UM POTENCIAL DE SIGNIFICADO PARA A CONCRETIZAÇÃO DE VOZES DISCURSIVAS EM EDITORIAIS: UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL, de Hércules Santos da Silva; “ESTUPRO CULPOSO”: A REPRESENTAÇÃO DE MARIANA FERRER À LUZ DOS PRESSUPOSTOS DO SISTEMA DE TRANSITIVIDADE, de Alessandra Cristina Costa Mendes e Magda Bahia Schlee; O GÊNERO EDITORIAL E SUA PROGRESSÃO: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-PRÁTICA DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL, de Isadora de Vasconcelos Picanço.

Diante da expansão dos estudos linguísticos sistêmico-funcionais, a LSF tem servido como arcabouço teórico para diferentes vertentes teóricas de análise discursiva desenvolvidas a partir de princípios hallidayanos. Para mencionar as abordagens destacadas na publicação deste dossiê, pode-se citar: i) Sistema de Avaliatividade; ii) Gramática do Design Visual (GDV); iii) Pedagogia de gêneros da Escola de Sydney; e iv) Análise Crítica do Discurso.

O Sistema de Avaliatividade (*Appraisal System*) é um dos seis sistemas⁴ de significado no nível do discurso desenvolvidos por Martin e Rose (2013) e colaboradores, os quais estão diretamente relacionados às metafunções (ideacional, interpessoal e textual). Segundo os autores, “usamos os recursos da AVALIATIVIDADE para a negociação de nossas relações sociais, dizendo aos nossos ouvintes ou leitores como nos sentimos acerca das coisas e das pessoas (...)”⁵ (MARTIN; ROSE, 2013, p. 26; tradução livre). Estupiñán e Dagua (2014) afirmam que, como ferramenta de análise de discurso, o Sistema de Avaliatividade permite que o analista conheça o modo e os objetivos retóricos que possibilitam aos usuários da língua adotarem: “a) uma postura atitudinal para com o conteúdo experiencial dos seus enunciados; b) uma posição em relação aos seus interlocutores reais ou potenciais e; c) uma postura para a

⁴ Avaliatividade, Ideação, Conjunção, Identificação, Periodicidade, Negociação.

⁵ No original: “We use the resources of APPRAISAL for negotiating our social relationships, by telling our listeners or readers how we feel about things and people (...)” (MARTIN; ROSE, 2013, p. 26)

heteroglossia do contexto intertextual em que operam seus enunciados e textos” (ESTUPIÑÁN; DAGUA, 2014, p. 255; tradução livre)⁶.

A Avaliatividade diz respeito aos significados interpessoais focalizados no campo social das relações estabelecidas entre indivíduos numa interação comunicativa, na qual locutor e interlocutor manifestam seus sentimentos e suas opiniões responsabilmente, ou seja, trata-se efetivamente de como as pessoas agem na e sobre a língua.

E é esse sistema que embasa teoricamente os textos que compõem a segunda parte deste Dossiê, comprovando a pertinência e a relevância da Avaliatividade para a análise de textos. Constam, assim, do segundo bloco os seguintes textos: *INTERAÇÃO EM BLOGS DE PROFESSORES DE INGLÊS: UM DIÁLOGO ENTRE A TEORIA DA AFILIAÇÃO E O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE*, de Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida e Orlando Vian Jr.; *CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E DE EMOÇÕES EM NARRATIVAS DE VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE UMA PROFESSORA*, de Adriana Nogueira Accioly Nóbrega e Mara Regina de Almeida Griffio; *“EU QUERO IR PRA CASA”:* UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE NARRATIVAS SOBRE A VIDA EM INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO, de Layane Campos Soares e Maria Aparecida Resende Ottoni; *O JULGAMENTO E O ENGAJAMENTO COMO RECURSOS DE CONSTRUÇÃO DE OPINIÃO: ANÁLISE DE UM EDITORIAL DO JORNAL ESTADÃO*, de Karina dos Reis Costantin e Maria Cecília Castro da Silva; *MOVIMENTOS AFILIATIVOS EM INTERAÇÕES DIGITAIS: EXPLORAÇÕES EM POSTAGENS MULTIMODAIS*, de Theodoro Casalotti Farhat; *A INVESTIGAÇÃO ESTILÍSTICA DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM INVISIBLE MAN: O PAPEL DO NARRADOR HOMODIEGÉTICO*, de Lucas Alexandre Damasceno, Laura Azevedo e Gabriel Freitas.

Na segunda abordagem teórica, Kress e van Leeuwen (1996/2006), ao proporem o estudo da sintaxe visual a partir da Gramática do Design Visual, basearam a elaboração de ferramentas de análise de textos multimodais na perspectiva multifuncional de Halliday e criaram as metafunções representacional, interacional e composicional em correspondência com as metafunções ideacional, interpessoal e textual. Esse ferramental teórico respalda os artigos da terceira parte deste Dossiê, demonstrando de que maneira o sistema de linguagem e o de imagens dialogam, como propõem Kress e van Leeuwen: *UMA PROPOSTA*

⁶ No original: “a) una postura actitudinal hacia el contenido experiencial de sus enunciados; b) una postura hacia sus interlocutores reales o potenciales y c) una postura hacia la heteroglosia del contexto intertextual en el que operan sus enunciados y textos.” (ESTUPIÑÁN; DAGUA, 2014, p. 255)

SOCIOSSEMIÓTICA PARA A ANÁLISE VISUAL DE JOGOS BIDIMENSIONAIS: DISCUTINDO A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO EM DUCKTALES, de André de Oliveira Matumoto e Paulo Roberto Gonçalves-Segundo; SIGNIFICADOS SOCIOSSEMIÓTICOS DE ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS: UMA LEITURA SOB A ÓTICA DA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL, de Alex Marcelo da Silva Araújo, Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa e José Maria de Aguiar Sarinho Júnior; COMPOSIÇÃO MULTIMODAL EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DA REVISTA ESPAÇO NATURA: PERCEPÇÕES SEGUNDO A GRAMÁTICA DO *DESIGN* VISUAL, de Wellington Carvalho de Arêa Leão, Paula Fabiana Melo Cardoso Martins e Francisco Wellington Borges Gomes.

Já na Pedagogia de gêneros da Escola de Sydney, tem-se o desenvolvimento de um programa australiano de letramento, que, atualmente, se encontra na terceira fase de atualização, denominado *Reading to Learn* (R2L). No Brasil, recebeu o nome de “Ler para aprender”. Esse programa de letramento, idealizado e liderado por Rose e Martin (2012), apresenta um quadro apreciável de pesquisadores envolvidos e está voltado ao ensino e à aprendizagem de práticas de leitura e de escrita, as quais focaliza, fundamentalmente, o desempenho de estudantes que apresentam baixo rendimento escolar e dificuldades para desenvolver o potencial linguístico-discursivo. A abordagem norteadora dos estudos neste campo é a perspectiva sociossemiótica com orientação no funcionalismo hallidayano, segundo a qual “tem como foco a organização da linguagem e sua relação com o uso e o modo como a linguagem e o contexto social em que é produzida se inter-relacionam, de modo que um realize o outro”, tal como afirma Vian Jr. e Lima-Lopes (2005, p. 30).

Tal metodologia é o foco dos artigos que compõem o quarto bloco de artigos aqui apresentado, confirmando a importância da Pedagogia de gêneros para o ensino da leitura e da produção de textos: ENSINO DE INGLÊS DENTRO DE UMA PERSPECTIVA FUNCIONAL: UM MODELO BASEADO NA PEDAGOGIA DO GÊNERO – LERN, de Sheilla Andrade de Souza; ANÁLISE DAS VARIÁVEIS DO CONTEXTO DE SITUAÇÃO PARA EXPOSIÇÃO DE UM PONTO DE VISTA EM ARTIGO DE OPINIÃO, de Adonelson Nascimento Damascena e Vilma Nunes da Silva Fonseca; CONTRIBUIÇÕES DO CICLO DE ENSINO APRENDIZAGEM BASEADO EM GÊNEROS PARA O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL, de Antonia Luziane Silva de Castro e Paulo da Silva Lima.

Finalmente, a quarta vertente teórica de análise discursiva desenvolvida a partir do instrumental da Linguística Sistêmico-Funcional contemplada neste dossiê, a Análise Crítica

do Discurso, está representada pelo artigo UMA ANÁLISE SOBRE A INFLUÊNCIA DA PERSPECTIVA SOCIOSSEMIÓTICA DA LINGUAGEM NA CONCEITUAÇÃO DE DISCURSO PROPOSTA POR FAIRCLOUGH, de Anielle Aparecida Fernandes de Moraes e Alexandre Ferreira da Costa.

A seção “**Temas livres**” apresenta dois artigos intitulados: TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E CONSIGNAS EM LIVRO DIDÁTICO: O ARTIGO DE OPINIÃO EM MATERIAL IMPRESSO E DIGITAL, de João Alexandre Alves dos Santos, Adair Vieira Gonçalves e Mariolinda Rosa Romera Ferraz; DOIS TIMORES: A EDUCAÇÃO SUPERIOR ANTES E DEPOIS DA UNIVERSIDADE NACIONAL TIMOR LOROSA’E E A EMERGÊNCIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, de Leiliane Rezende da Silva Silveira, Lorena Almeida Pedra e Thiago Soares de Oliveira.

Na seção “**Produção Literária**” constam duas produções poéticas: MEMÓRIAS DE UMA SEXAGENÁRIA NÃO CORRESPONDIDA, de Mariana Meira Souza e Adson Luan Duarte Vilasboas Seba; SEM O NARIZ, de José D’Assunção Barros.

A Comissão Editorial constituída para esta edição da Entreletras agradece, de maneira muito afetuosa, aos autores que encaminharam seus textos para a revista e aos muitos pareceristas que trabalharam na avaliação dos 45 artigos científicos submetidos, em todas as suas etapas.

Com este Dossiê, que reúne relatos de pesquisa, na forma de artigos científicos, elaborados a partir de investigações resultantes de descrição e análise linguística com base na GSF e/ou análises discursivas que abordam a língua em uso, como também a relação entre língua, cultura, texto e contexto, ensino e aprendizagem de línguas, espera-se que o leitor, através do contato com os textos aqui apresentados, se interesse por aprofundar suas leituras formativas no âmbito da abordagem teórico-metodológica da LSF.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, C. S. **Structure and Function**: a guide to three major structural-functional theories. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.
- ESTUPIÑÁN, M. C.; DAGUA, C. M. **Los mecanismos de la valoración en la construcción del discurso en el aula universitaria**. Bogotá: Colombia. Revista Colombiana de Educación, n. 66, 2014.
- GOUVEIA, C. A. M. Texto e Gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27795> > Acesso em: 16 out 2022.
- HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, J. **Novos horizontes em linguística**. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 134 – 160.

- HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 2 ed. London: Edward Arnold, 1994.
- KRESS, G. R.; van LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. ed. London and New York: Routledge, 2006.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with discourse: meaning beyond the clause**. London: Bloomsbury, 2013.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation: appraisal in English**. London: Palgrave Macmillan, 2005.
- NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.
- ROSE, D.; MARTIN, J. R. **Learning to Write, Reading to Learn: Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School**. London: Equinox, 2012.
- VIAN JR, O.; LIMA-LOPES, R. E. A perspectiva teleológica de Martin para a análise dos gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.